

Turismo e literatura: Um **itinerário** regiano por Portalegre

EVA MILHEIRO * [eva@esep.pt]

MARIA EUGÉNIA PEREIRA ** [epereira@ua.pt]

Resumo | O presente artigo explora a relação entre o turismo e a literatura, partindo do pressuposto de que quer a obra quer a vida de um escritor podem servir de base à criação de itinerários literários capazes de potenciar turisticamente os locais onde eles irão ser desenvolvidos, garantindo, assim, a sustentabilidade dos valores regionais. A vida e obra de José Régio estão decisivamente marcadas pela sua passagem por Portalegre, onde ele foi professor e viveu uma parte significativa da sua vida. É com base na sua vida nesta cidade e na sua obra que apresentaremos, neste artigo, uma proposta de itinerário literário biográfico, a ser explorado como produto turístico, com vista a contribuir para a diversificação da oferta turística de Portalegre.

Palavras-chave | Turismo cultural, Turismo literário, Itinerários literários, Portalegre, José Régio.

Abstract | This article explores the relationship between tourism and literature, assuming that the work and life of an author may be the basis for creating itineraries that encourage the tourism development of places through literature, leading to the sustainability of regional values. The life and work of José Régio are decisively marked by its passage through Portalegre, where he taught and lived a significant part of his life. Based on his life and work in this city, in this article we present a proposal for a biographical literary itinerary to be explored as a tourist product, in order to contribute to diversify the tourism offer of Portalegre.

Keywords | Cultural tourism, Literary tourism, Literary itineraries, Portalegre, José Régio.

* **Doutoranda em Turismo** na Universidade de Aveiro. **Professora** no Instituto Politécnico de Portalegre, **Investigadora** do C3i (IPP) e membro da GOVCOPP (UA).

** **Doutora em Literatura** pela Universidade de Aveiro. **Professora Auxiliar** do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

1. Introdução

O turismo e a cultura inter-relacionam-se de uma forma nem sempre consensual. Não obstante esta relação ser objeto de estudos com perspectivas diversas, nem sempre conciliadoras e, por vezes, muito críticas no que concerne a possível contribuição do turismo para a massificação e descaracterização da cultura, podendo este levar a uma “perda de autenticidade do objeto cultural que esteve na origem do produto turístico” (Carvalho, 2009, p.16), consideramos, contudo, que o turismo cultural pode ser encarado como uma forma de conhecer “o Outro”, numa ótica de respeito recíproco entre comunidade visitante e comunidade visitada.

A cultura pode ser entendida como o conjunto de atividades lúdicas, utilitárias, intelectuais ou afetivas que caracterizam um certo povo (Carvalho, 2009). Segundo Saphir, “o conceito de cultura implica um conjunto de valores, atitudes e comportamentos de um grupo social ou o misto de significações que os indivíduos de um dado grupo usam para comunicar e interagirem, pois o efetivo lugar da cultura são as interações individuais” (Couche, 2003, citado por Maia & Baptista, 2010, p. 255).

O turismo, enquanto atividade que pressupõe a deslocação de pessoas para fora do seu ambiente habitual, por motivos vários, entre os quais se inclui a busca da diversidade, o conhecimento de outros povos e das suas práticas culturais, pode ser considerado como uma atividade ‘consumidora’ de cultura. Novais defende que devemos considerar a “cultura como recurso económico afeto ao turismo e considerar os recursos culturais como potenciais ou atuais recursos turísticos” (Novais, 1997, citado por Sardo, 2009, p. 340). Gonçalves (2010, p. 21) argumenta igualmente que “a cultura incorpora hoje um bem apreciável na indústria turística, mesmo tendo necessariamente em conta o facto de que os produtos culturais também vão sofrendo alterações”.

Sardo (2009, p. 340) afirma que “todo o turismo é cultural, uma vez que toda a deslocação de pessoas do seu local de residência satisfaz a necessidade

humana de diversidade, eleva o nível cultural das pessoas, originando novos conhecimentos e experiências”. Esta posição é partilhada por Gonçalves (2010, p. 20), que lembra que “a prática do turismo implica uma mobilidade que não é somente física, mas iminentemente cultural e social, tendo no seu conjunto profundos impactos quer nas regiões emissoras, quer nas comunidades de acolhimento”.

Importa referir que o início do turismo, enquanto fenómeno social, remonta ao século XVII, com a *Grand Tour*, e surge como um ritual educativo da jovem nobreza britânica, que viajava pelo continente europeu, associando o lazer e a ânsia de conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes. Estávamos, portanto, já perante uma manifestação de turismo cultural.

O turismo cultural é o segmento do mercado turístico que oferece ao visitante um conhecimento mais profundo de outras culturas, isto é de outros costumes, de outras tradições e formas de viver e entender o mundo. O turismo cultural é, ainda, uma forma diferenciada do produto turístico, pois contribui para melhorar a imagem de um destino (Sardo, 2009). Uma das principais características do turismo cultural, citando Maia e Baptista (2010, p. 255), “é a valorização do património, das tradições e dos bens culturais materiais e imateriais”, constituindo, assim, o património cultural uma das “principais atrações para o turista, pelo que esta atividade tem ganho uma crescente importância dentro do sector”.

A importância económica deste tipo de produto, e a sua capacidade para diferenciar a oferta, é enfatizada por diversos autores (Costa, 2005; Turismo de Portugal, s.d; Maia & Baptista, 2010), o que atesta a forte relação entre turismo e cultura. Contudo, Santana lembra que “os produtos do turismo cultural não se devem converter em meras mercadorias, mas em mediadores de uma experiência e vivência intercultural, a mais enriquecedora possível” (Santana, 1998, citado por Gonçalves, 2010, p. 21).

Encarado, por vezes, como “um olhar experimental sobre o passado” (Gonçalves, 2010, p. 20),

o turismo cultural pode também 'produzir' e 'vender' o presente. É neste contexto que podemos falar de turismo literário, enquanto produto turístico que subsiste a partir da literatura clássica, moderna ou contemporânea, e que visa proporcionar ao turista uma experiência intercultural enriquecedora, levando-o a conhecer o espaço físico retratado na obra de um escritor, ou a aprender a descobrir os lugares onde este viveu e/ou produziu a sua obra. A valorização do discurso literário passa pelo imaginário ficcional que o habita, sendo o bem simbólico da literatura identificado pelo turista enquanto detentor do património material (arquitetónico), imaterial (mitos, lendas, folclore, música, hábitos de um povo) e natural.

2. O turismo literário e o seu contributo para o desenvolvimento dos destinos

O turismo literário surge como um produto de nicho, direcionado para consumidores com características muito particulares e que valorizam a identidade dos locais, sendo que esta última pode estar expressa nas obras dos escritores que nesses lugares viveram, que sobre ela escreveram e/ou ainda que, por terem vivido nesses locais, participaram na formação da sua identidade. A motivação destes turistas prende-se, sobretudo, com o conhecimento do espaço real, que fora idealizado aquando da leitura das obras ficcionais ou aquando da descoberta da biografia do escritor. Sardo (2009, p. 344) defende que "este tipo de turismo representa uma forma alternativa de férias, onde as novelas e os romances podem substituir os guias de turismo, uma vez que a conciliação da cultura com o turismo, através da literatura, faz ressaltar uma visão diferente dos lugares".

Este subproduto do turismo cultural, que "está diretamente associado à visita de locais reconhecidos pela sua relação com obras literárias e/ou autores, tem vindo a ocupar um espaço cada vez mais relevante no universo do turismo" (Neves, 2010, p. 265).

Segundo Sardo (2009, p. 341), o turismo literário é "um tipo de turismo cultural que tem a ver com a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos".

Butler (2000, p. 360) define-o como

a form of tourism in which the primary motivation for visiting specific locations is related to an interest in literature. This may include visiting past and present homes of authors (living and dead), real and mythical places described in literature, and locations affiliated with characters and events in literature.

O turismo literário está, pois, relacionado com a descoberta dos locais reais correspondentes aos espaços ficcionais das narrativas de grandes escritores ou dos locais por onde esses mesmos escritores passaram. Sardo (2009) refere que é importante definir o conceito de 'sítio literário', podendo este ser "o lugar associado aos escritores na sua vida real e que possibilitam definições das suas obras" (Herbert, 1996, citado por Sardo, 2009, p. 341) ou "sítios que possuem ligações literárias que funcionam como atrações para visitantes" (Herber, 1996, citado por Sardo 2009, p. 341) ou ainda "lugares imaginados [...] associados às obras dos escritores, pois muitos deles têm claramente origens no mundo real" (Smith, 2003, citado por Sardo 2009, p. 341).

Cada vez mais turistas procuram conhecer locais relacionados com a literatura, tais como casas-museus de conhecidos autores, percursos reais tornados ficcionais, ou que foram mistificados pela criação literária, ou, ainda, festivais literários. Também os locais frequentados pelos escritores despertam interesse, tais como cafés, restaurantes, bibliotecas, hotéis, entre outros. Neles, o turista "procura reminiscências dos seus escritores e poetas preferidos, imagina percursos e vive acontecimentos singulares, fazendo acontecer a experiência turística" (Sardo, 2009, p. 343). Este tipo de turismo está em expansão e, como refere Neves (2010, p. 265), "o que era há pouco tempo uma aventura confinada a intelectuais, amantes radicais da literatura ou passeantes, tem-se

tornado um novo ramo do turismo em todo o mundo, o turismo literário”.

A literatura desencadeia, no leitor, uma motivação particular: a vontade de descobrir os espaços mencionados nas obras, assim como a cultura a eles associada, e, conseqüentemente, ao usufruir dos bens simbólicos, ele favorece a sustentabilidade dos valores de uma região.

Por outro lado, na conciliação do estético com o turístico, despertam-se sensações, suscitam-se emoções e valoriza-se o espaço real. O leitor-turista passeia pelo espaço até então ficcionado e vai disfrutando das percepções estéticas guardadas para apreender a realidade. Por tal facto se considera, também, que a literatura é desencadeadora da transformação do leitor-turista em turista-leitor.

Butler (2000) defende que lugares fortemente marcados pela presença de um autor podem ser ‘vendidos’ de forma a explorar essa mesma presença. Vejam-se alguns exemplos internacionais de autores cujas obras suscitaram um elevado interesse pelos locais onde decorre a ação das suas histórias, como Dan Brown, tendo o *Código Da Vinci* ou *Anjos e Demónios*, induzido inúmeros turistas a visitar Paris, Londres ou Roma. Outros destinos são explorados por agências especializadas em turismo literário, que promovem visitas a locais como Londres, onde decorre a saga de *Harry Potter*, ou o castelo do Drácula, na Transilvânia, na Roménia, espaço da obra de Bram Stoker. Estes são os exemplos mais recentes e mais mediáticos, pertencendo a uma literatura mais ligeira.

Pereira¹ (2012) distingue três categorias de itinerários literários: (i) o itinerário biográfico, que visa o conhecimento da vida do autor e o impacto desta sobre a sua obra; (ii) a paisagem literária, cujo percurso cobre uma área geográfica mais ou menos vasta, cujo objetivo é a diversão e a evasão, levadas a cabo por métodos de interpretação e por *stimuli* que procuram apelar às impressões sensoriais dos turistas – partindo-se de citações onde uma nota de humor, uma impressão são reveladoras da harmonia existente entre o texto e a paisagem; (iii) o itinerário

genérico, concebido pelas autoridades locais, que pretende celebrar a atividade intelectual de uma região, de forma a reforçar a sua reputação.

Em Portugal, existem já alguns exemplos de turismo literário, com itinerários literários (das diferentes categorias mencionadas), explorados por organismos estatais, municipais ou por entidades ligadas à cultura. Refiram-se os exemplos da Fundação Eça de Queirós², que promove atividades temáticas relacionadas com o escritor (a gastronomia e as ementas queirosianas), bem como visitas guiadas à Casa de Torme, a casa-museu Eça de Queirós (que o autor descreve em *A Cidade e as Serras*). Outros roteiros queirosianos são explorados noutros locais do país, como em Sintra, pela Câmara Municipal de Sintra uma vez que é aí que decorre parte da ação narrada n’*Os Maias*, em Lisboa, pela Câmara Municipal de Lisboa, ou ainda no Norte, no Porto, em Vila do Conde e na Póvoa do Varzim, pela Confraria Queirosiana (Carvalho, 2009).

A visita à casa onde viveu um autor desperta “uma espécie de fascínio” (Sardo, 2009, p. 344) no visitante, que, ao visitá-la, pode imaginar a vida do autor e observar os espaços que lhe serviram de inspiração. Ainda segundo a autora, “o visitante/turista procura um tempo no qual passado e presente se misturam, unidos por uma nostalgia de descoberta de objetos pessoais, de recriação de espaços, ainda que os mesmos já não sejam os originais” (Sardo, 2009, p. 344).

As casas-museus estão um pouco implementadas por todo o país (a título de exemplo refiram-se, as Casas-Museus José Régio, em Portalegre e Vila do Conde; a Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Ceide – Vila Nova de Famalicão; a Casa Fernando Pessoa, em Lisboa; a Fundação Eugénio de Andrade, no Porto; a Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto; a Casa-Museu Ferreira de Castro, em Salgueiro – Oliveira de Azeméis; a Casa-Museu Fernando Namora,

¹ Esta categorização foi apresentada pela docente nas aulas de Temas de Turismo Cultural do Programa Doutoral em Turismo, da Universidade de Aveiro, não se encontrando publicada.

² <http://www.feq.pt>.

em Condeixa-a-Nova; a Casa-Museu Miguel Torga, em Coimbra; ou a Fundação Aquilino Ribeiro – Casa-Museu e Biblioteca (FAR), em Soutosa – Moimento da Beira).

Os itinerários literários são, pois, outra forma de explorar a relação da literatura com os locais, oferecendo informação sobre as obras, os autores e os espaços que estes ocuparam. Em Portugal, existe um projeto designado 'Viajar com... Os caminhos da literatura', da responsabilidade da Direção Regional de Cultura do Norte, que disponibiliza roteiros turístico-literários, referentes a diversos autores portugueses, como Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ferreira de Castro, Guerra Junqueiro, João de Araújo Correia, José Régio³, Miguel Torga, Teixeira de Pascoas e Trindade Coelho.

3. José Régio: Vida e obra

Para descrevermos, de uma forma sintetizada, a vida e obra de José Régio, baseámo-nos nas obras de Galhoz (1996), Castro (2003), Falcão (2001), Ventura (1984) e Lisboa (1978).

José Régio nasce em Vila do Conde, a 17 de setembro de 1901, com o nome de José Maria dos Reis Pereira. Nessa localidade faz os seus estudos secundários, até ao quinto ano, quando ruma ao Porto (em 1918), onde prossegue os seus estudos no Liceu Rodrigues de Freitas.

Em 1920, após ter concluído o liceu, e ter atravessado uma crise nervosa, que dura todo o período das férias grandes, vai para Coimbra frequentar o Curso de Filologia Românica, na Faculdade de Letras daquela universidade, onde se licencia. A estadia em Coimbra é "um período longo de aprendizagem, uma alternância entre um convívio apetecido e um retiro necessário" (Lisboa, 1978, p. 38).

Ainda estudante, publica, em 1925, usando pela primeira vez o pseudónimo de José Régio, o seu primeiro volume de poesias *Poemas de Deus e do Diabo*. Em 1927 funda, juntamente com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, uma das mais importantes revistas literárias portuguesas: a *Presença*.

Em 1928, é colocado como professor provisório no Liceu Alexandre Herculano, no Porto. No ano seguinte, é contratado como professor de francês e português no Liceu Mouzinho da Silveira, em Portalegre, e hospeda-se numa dependência da Pensão 21. Em Portalegre, "inicia um difícil e espinhoso percurso de reconhecimento da cidade para onde o destino o conduziu (...), em que sente uma enorme diferença entre a fervilhante Coimbra, o buliçoso Porto, e a pacata Portalegre" (Ventura, 1984, s.p.). A reação à mudança de vida é claramente negativa, como podemos ler no poema "Fado Alentejano", publicado em *Fado*, em 1941:

Quando cheguei, quis-te mal,
Alentejo-ai-solidão...
(Régio, 1941, p. 141)

Na "Toada de Portalegre", que integra o volume de poemas *Fado*, Régio expressa uma vez mais o isolamento e a solidão dos primeiros tempos:

Coisas que terei pudor
De contar seja a quem for
Me davam então tal vida
Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros,
Me davam então tal vida
Não vivida!, mas morrida
No tédio e no desespero,
No espanto e na solidão
Que a corda dos derradeiros
Desejos dos desgraçados
Por noites do vento soão
Já várias vezes tentara
Meus dedos verdes suados...
(Régio, 1941, p. 104)

³ Este roteiro centra-se exclusivamente nos locais em que Régio viveu, no norte (Porto e Vila do Conde), não sendo feita nenhuma referência à cidade de Portalegre.

Aos poucos, porém, vai aprendendo a apreciar a cidade e a região, a simplicidade das suas gentes, que o inspiram para os seus contos e romances. No poema "Fado Alentejano", Régio presta uma homenagem à região, denotando gratidão pelo sofrimento que ela lhe proporcionou, já que foi esse sentimento que impulsionou a sua criatividade.

Vim coberto de cadeias,
Alentejo-ai-solidão...
Coberto de vis cadeias!
Mas estas com que me enleias,
Deram-me asas e raízes.
(Régio, 1941, p. 143)

Portalegre é o local escolhido para a redação das suas obras, pois inspira-o na "criação abundante que derrotará o tédio" (Lisboa, 1978, p. 56).

Em 1934, publica o seu primeiro romance *O Jogo da Cabra Cega*, que é logo retirado do mercado e proibido pela censura. Seguem-se o volume de poesias *As Encruzilhadas de Deus* (1935), *Críticos e Criticadas (Carta a um Amigo)* (1936) e o ensaio *António Botto e o Amor* (1938). Ainda em 1936, escreve uma pequena peça de teatro, *Sonho de uma Véspera de Exame*, que é representada por estudantes do liceu, no dia 30 de março, no Teatro Portalegrense (Ventura, 1984).

Na pensão 21, onde reside, escreve ainda dezenas de artigos para a imprensa periódica, mantendo a ligação com a *Presença* até ao seu encerramento, em 1940. No mesmo ano, publica *Em torno da Expressão Artística* e o *Primeiro Volume de Teatro*.

Em Portalegre, Régio convive com diversas personalidades (David-Mourão Ferreira, Eugénio Lisboa, Renato Torres, entre outros), quer na pensão onde reside, quer em cafés: "é famosa a tertúlia que, nos anos quarenta e cinquenta, se reunia regularmente à mesa do Café Central e que se muda, perturbada pelo bulício que a introdução da televisão produziu naquele estabelecimento, para o Café Facha" (Ventura, 1984, s.p.).

Em 1941 inicia a sua colaboração com a imprensa local, no semanário *A Rabeca*, que se prolonga, esporadicamente, até 1966. Ainda em 1941, edita a novela *Davam Grandes Passeios ao Domingo* que, em 1946, vai integrar a 3.ª edição de *Histórias de Mulheres*. De 1942 a 1946, colabora em 45 artigos da revista *Ocidente*. Em 1945 publica o seu quinto livro de poesia, *Mas Deus é Grande*, e o primeiro romance do ciclo *A Velha Casa*. Com o seu amigo Alberto de Serpa, organiza e prefacia a *Antologia – Poesia de Amor*, ilustrada por Paulo Ferreira.

José Régio adere ao Movimento da Unidade Democrática que, após o final da II Grande Guerra Mundial, reivindica a instauração de um regime democrático em Portugal. Em novembro de 1945, participa na primeira sessão deste movimento, que é realizada em Portalegre, no Teatro Portalegrense, integrando a mesa que a dirige (Ventura, 1984).

Em 1946, sua mãe morre, e ele publica, então, *Histórias de Mulheres*. Falcão (2001, p. 15) salienta a sensibilidade e o entendimento de Régio em relação às mulheres, para quem estas representam "um espetáculo muito rico". O crítico realça, ainda, a importância da mãe na obra de Régio, sendo o amor por ela expresso em muitos poemas, relacionando-a com a Nossa Senhora, pelas semelhanças que nelas encontrava.

A religião e o misticismo de Régio são outros aspetos marcantes da sua obra, numa "busca contínua e interminável de um Deus que aparentemente sempre lhe escapou" (Falcão, 2001, p. 16). Crente, e simultaneamente não crente, Régio afirma, em *Confissões de um Homem Religioso* (Régio, 1972, citado por Falcão, 2001, p. 17): "na verdade, tão espantoso me parecia que Deus existisse como que não existisse".

Em 1947 publica o seu segundo volume de teatro *Benilde ou a Virgem Mãe* e o segundo volume de *A Velha Casa*. Em 1949 apoia publicamente a candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República, integrando a respetiva Comissão Distrital de Propaganda. É nesse ano que publica o seu artigo *O Recurso ao Medo*, incluído no livro

Depoimento contra Depoimento, edição dos serviços da candidatura.

A década de cinquenta inicia-se com a produção do terceiro volume de *A Velha Casa*. Neste mesmo ano, e por ocasião da celebração do 4.º centenário da elevação de Portalegre à categoria de cidade, Régio escreve a introdução do catálogo da exposição de pintores do distrito, que estava patente, em maio de 1950, no Palácio Amarelo (Ventura, 1984).

Em 1953 *Jacob e o Anjo* é representado em Paris, pelo *Studio Champs-Élysées*. Em 1957, morre o seu pai. Neste mesmo ano, publica *Alma Minha Gentil*. Em 1958 lança uma nova antologia, em colaboração com Alberto Serpa, *Na Mão de Deus*, cuja temática é religiosa.

Em 1960 sai o quarto volume de *A Velha Casa* e, um ano depois, um novo livro de poesias, *Filho do Homem*, que lhe garante o prémio 'Diário de Notícias', distinguindo, assim, a personalidade mais em evidência no mundo das letras. Em 1962, aposenta-se do ensino. Em 1963, a Sociedade Portuguesa de Escritores atribui-lhe o Grande-Prémio de Novela, pela sua obra *Há Mais Mundos*. Em 1964 vende a casa de Portalegre, com todo o seu recheio, à Câmara Municipal desta cidade, mantendo, contudo, o usufruto da mesma:

Chegara ao fim da sua estadia em Portalegre. Na velha cidade do Alto Alentejo cercada de serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros, fizera alguns amigos fiéis, juntara uma notável coleção de arte sacra e popular, ensinara alguns milhares de alunos e transformara uma vida interiormente agitada no tumulto sereno de uma obra sólida e durável, mesmo quando contestada (Lisboa, 1978, p. 62).

Em 1966 deixa Portalegre, fixando residência em Vila do Conde, onde contrai uma infeção pulmonar que o leva ao sanatório Rainha D. Amélia, em Lisboa. No mesmo ano, publica o quinto volume de *A Velha Casa*. Em 1968 é publicado o seu último título em vida, *Cântico Suspenso*. Morre no dia 22 de dezembro de 1969.

4. Um itinerário regiano por Portalegre

Dando seguimento à secção anterior, na qual foram apresentados alguns dados essenciais sobre a vida e obra de Régio, principalmente no que concerne a sua passagem por Portalegre, cidade onde José Régio viveu entre 1929 e 1966, neste ponto do artigo pretendemos apresentar um itinerário literário biográfico, baseado na vida e obra de José Régio nesta cidade do Alto Alentejo, composto por alguns dos locais que Régio frequentou e mencionou na sua obra, e que são pontos obrigatórios e emblemáticos a visitar, seguindo um percurso contínuo, com origem na casa que lhe serviu de habitação.

4.1.A Casa-Museu José Régio

[...]

Em Portalegre, cidade

Do Alto Alentejo, cercada

De serras, ventos penhascos oliveiras e sobreiros,

Morei numa casa velha,

Velha, grande, tosca e bela,

À qual quis como se fora

Feita para morar nela...

[...]

(Régio, 1941, p. 97)

A Casa-Museu José Régio foi instalada naquela que foi a habitação do escritor durante 34 anos. Inicialmente, o autor alugou um quarto neste local, a chamada Pensão 21, tendo-se tornado um hóspede único, por força da necessidade de espaço, que ia aumentando consoante a ampliação da sua coleção. Em 1964, vendeu a sua coleção à Câmara Municipal de Portalegre, que também adquiriu a casa, a restaurou e transformou em museu. Este abriu ao público a 23 de maio de 1971. Possui diversas coleções, expostas por 17 salas de exposição permanente, e por uma sala de reservas. As coleções expostas integram: escultura, pintura, faiança, mobiliário, metais, têxteis e registos. A reserva inclui: escultura, faiança,

numismática/medalhística, registos, trabalhos pastoris (marcadores de pão e bolos, cornas, chávenas e colheres), ferros forjados. Destaca-se, ainda, a coleção de arte sacra, com os Cristos em madeira, e de arte popular (que faziam parte do enxoval das noivas, em tempos idos, no Alentejo).

4.2.O Palácio Achioli

Inicialmente propriedade de Diogo da Fonseca de Sousa Tavares Acciaioli Coutinho, o palácio foi vendido ao Estado em 1892, “por razões económicas derivadas de uma combinação algo espúria: jogo, política e caridade” (Bucho, 2010, p. 133).

Em 1887 foi reconvertido em Liceu Nacional Distrital (mais tarde rebatizado Liceu Mouzinho da Silveira), local onde Régio lecionou entre 1929 e 1962: “Já toda a gente sabe que um professor do liceu de Portalegre ousa defender os negros ideais democráticos”⁴ (Régio, 1984, p. 79). Em 1985 foi ocupado pela Escola Superior de Educação – que ainda hoje funciona nas suas instalações.

4.3.O Palácio Avilez e Praça da República

Adjacente ao Palácio Achioli, fica o Palácio Avilez, que se tornou sede do Governo Civil, em 1885, e onde funciona atualmente o posto da PSP. Em frente, a Praça da República (antigo Corro), acolheu, durante o século XIX e início do século XX, o mercado da cidade. Estes locais foram mencionados em *Histórias de Mulheres* (1968).

Viera um novo governador civil que, pretendendo “restabelecer a concórdia na grande e boa família portalegrense, conjugando os esforços de todos no sentido de fazer entrar num definitivo período de paz e progresso esta nobre cidade” (discurso lançado ao Corro das janelas do Governo Civil) com tão louvável pretensão não conseguira senão turvar ainda mais os ares, reacendendo sem querer o flamejar dos partidos e as fagulhas das implacáveis inimizadinhas (Régio, 1968, p. 23).

4.4.Os cafés Facha e Central, a Rua do Comércio

Cafés, ainda em funcionamento na cidade, situados na Rua do Comércio, foram palco das tertúlias de Régio, como nos dá conta Ventura (1984): “é famosa a tertúlia que, nos anos quarenta e cinquenta, se reunia regularmente à mesa do Café Central e que se muda, perturbada pelo bulício que a introdução da televisão produziu naquele estabelecimento, para o Café Facha”.

A Rua do Comércio é referida em *Histórias de mulheres*, enquanto palco de disputa dos jovens cidadãos com os elegantes filhos de lavradores ricos, por causa da atenção que lhes prestavam as donzelas: “Não podendo, esses dias, competir triunfais com eles, desciam languidamente a Rua do Comércio em automóvel” (Régio, 1968, p. 44).

4.5.A Sé Catedral

A Sé de Portalegre serviu, igualmente, de inspiração a Régio. É um edifício cuja edificação se iniciou em 1556, por iniciativa de João III de Portugal.

De Portalegre cantando
 Meu canto é doce é amargo
 Já sinto os olhos turvando
 Já sinto o peito mais largo...
 Ai! Torres da velha Sé
 Ai! Muros do burgo estreito!
 Sempre vos rezo com fé
 Se me levanto ou deito...
 O céu das tardes compridas
 Parece que vem baixando
 E as torres são mãos erguidas
 Que quase lhe estão chegando.
 (Régio, 1952)⁵

⁴ Este texto foi inicialmente publicado na revista *A Rabeca*, em 1949, em resposta a um texto crítico dirigido ao autor, publicado em *A Voz Portalegrense*.

⁵ Texto publicado na revista *A Rabeca*, em novembro de 1952.

4.6.O Museu Municipal

Ao lado da Sé Catedral, situa-se o Museu Municipal, mencionado por Régio em *Escritos de Portalegre*: “Também temos um museu; mas quem não reconhecerá que lhe faltam quase todas condições necessárias a um museu? Há nele uma dúzia de preciosidades que honrariam fosse onde fosse” (Régio, 1984, p. 19).

O Museu Municipal foi instalado em 1959, após ter ocupado outras dependências na cidade, numa casa nobre situada junto à Sé, e possui uma importante coleção de arte sacra, constituída pelo espólio de dois dos sete conventos existentes em Portalegre – Santa Clara e São Bernardo.

4.7.O Palácio Amarelo

Descendo em direção ao Museu da Tapeçaria, passamos pelo Palácio Amarelo – onde decorreu a exposição comemorativa de celebração do 4.º centenário da elevação de Portalegre à categoria de cidade, tendo Régio escrito a introdução do catálogo da exposição dos pintores do distrito, que esteve patente, em maio de 1950, nesse palácio:

Quem julgar que a cidade de Portalegre não é bonita, poderá ver que é mais do que isso; porque é bela na sensibilidade dos artistas que, pintando-a ou não, se enriqueceram sabendo entender os seus recantos evocativos, as suas ruas estreitas e pitorescas, os seus casarões setecentistas, os seus longes de serras lilazes ou ultramar, o nobre perfil da sua Sé dominando, como numa estampa, o casario branco, o monte da Penha fechado o quadro com as suas mantas de cores pela encosta, a sua espuma de penhascos em cima, os braços da sua cruz já no Céu. (Régio, 1984, p. 124).

4.8.O Convento de São Bernardo

Mencionado em *Histórias de Mulheres* (1968) e em *Escritos de Portalegre* (1984), o Convento (ou

Mosteiro) de São Bernardo, é uma das obras cistercienses mais bem preservadas do país, tendo sido fundado em 1518. O portal renascentista, a igreja e claustros manuelinos, os painéis de azulejos e as arcadas são dignos de visita. Tendo tido diversas utilizações, é hoje ocupado pela GNR. Situa-se numa encosta da Serra de Portalegre: “O que desde já tem Portalegre são [...] claustros de antigos conventos e miradouros donde o olhar descobre, súbito, uma admirável natureza” (Régio, 1984, p. 120).

5. Conclusão

O turismo cultural, e, dentro deste, o turismo literário, representa um nicho de mercado com potencialidades económicas, amiúde, negligenciadas. Os atores locais, públicos ou privados, poderão desempenhar um papel ativo na dinamização deste tipo de produto, mediante a inventariação e valorização do património literário da região onde se inserem, de forma a desenvolver projetos de dinamização do mesmo, que, a médio e longo prazo, poderão ter efeitos sobre o desenvolvimento do turismo, numa ótica de oferta complementar a outros produtos e recursos turísticos existentes na região.

Em Portalegre, um itinerário regiano pode complementar uma oferta fortemente baseada na natureza e ruralidade, e num património construído de inegável valor. Conhecer Portalegre através do olhar de Régio, visitar os locais que ele frequentou, a casa onde viveu (podendo contemplar a mesa onde escrevia, observar os seus objetos pessoais, sentir a sua intimidade e atmosfera de criação literária) ou, ainda, os locais que descreveu nas suas obras, foi a proposta que se apresentou neste artigo. O itinerário literário desenvolvido permitirá ao turista-leitor descobrir, sozinho, os locais referidos, ainda que a possibilidade de uma empresa de animação turística local efetuar visitas guiadas, tendo por base este itinerário temático, possa ser explorada.

Referências bibliográficas

- Bucho, D. (2010). O Palácio Acciaioli e o espírito do lugar. In L. Cardoso & I. Ferreira (Eds.), *ESEP 25 anos: Honrar o passado, consolidar o presente, conquistar o futuro* (pp. 133-142). Setúbal: Tipografia Corlito.
- Butler, R. (2000). Literary tourism. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of tourism* (p. 360). London: Routledge.
- Carvalho, I. (2009). *Turismo literário e redes de negócios: Passear em Sintra com 'Os Maias'*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Castro, L. (2003). *Viajar com... José Régio*. Porto: Edições Caixotim.
- Costa, C. (2005). Turismo e cultura: Avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). *Análise Social*, XL(175), 279-295.
- Falcão, A. I. (2001). *José Régio em Portalegre*. Portalegre: Associação de Solidariedade Social dos Professores, Delegação de Portalegre.
- Galhoz, M. A. (1996). *Catorze ensaios sobre José Régio seguidos de uma bibliografia essencial*. Lisboa: Edições Cosmo.
- Gonçalves, E. (2010). Turismo cultural como factor de desenvolvimento das regiões. In E. Gonçalves (Ed.), *Dinâmicas de rede no turismo cultural e religioso* (Vol. I, pp. 19-26). Maia: Edições ISMAI.
- Lisboa, E. (1978). *José Régio: Uma literatura viva*. Instituto de Cultura Portuguesa. Amadora: Biblioteca Breve.
- Maia, S. V., & Baptista, M. M. (2010). O Buçaco enquanto produto de turismo cultural. In E. Gonçalves (Ed.), *Dinâmicas de rede no turismo cultural e religioso* (Vol. I, pp. 253-266). Maia: Edições ISMAI.
- Neves, A. (2010). Viagem pela literatura... e pelos espaços do mundo (ir)real – Turismo literário: Breve reflexão sobre uma experiência baseada na obra O Cônego, de A. M. Pires Cabral. In E. Gonçalves (Ed.), *Dinâmicas de rede no turismo cultural e religioso* (Vol. II, pp. 265-276). Maia: Edições ISMAI.
- Perez, X. P. (2009). *Turismo cultural: Uma visão antropológica*. Colección Pasos, 2. Acedido em 13 de novembro de 2013, disponível em <http://www.pasosonline.org>
- Régio, J. (1984). Escritos de Portalegre. *Portalegre: A cidade*. Portalegre: Revista Cultural de Portalegre.
- Régio, J. (1968). *Histórias de mulheres: Conto e novela*. Lisboa: Portugalia.
- Régio, J. (1941). *Fado: Poesia*. Brasília: Brasília Editora.
- Sardo, A. (2009). Turismo literário: A importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In J. M. Simões & C. C. Ferreira (Eds.), *Turismos de nichos: Motivações, produtos, territórios* (pp. 339-352). Centro de Estudos Geográficos. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Ventura, A. (1984). *José Régio em Portalegre*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas.